



A SABEDORIA PRÁTICA NA LITERATURA DE CORDEL

PRACTICAL WISDOM IN CORDEL LITERATURE

*Prof. Dr. Luiz Alencar Libório**

*Profª MSc. Luzia Valadão Ferreira***

RESUMO

A *phronesis* do poeta nordestino, perceptível em algumas produções da literatura de cordel se expande, atualmente, na mídia televisiva, mas da sua origem ibérica sobreviveu e se fortalece no Nordeste brasileiro. Valendo-se do método científico histórico, o presente artigo busca encontrar na literatura de cordel, um estilo diferenciado, mas propício ao uso da Sabedoria Prática, presente na humanidade desde tempos imemoriais. Possuidores de um dom considerado divino, cordelistas cristãos despertam a atenção de um grande número de pessoas encantadas com a harmonia poética de suas composições cantadas ou simplesmente narradas em feiras de cidades interioranas. Tal estilo, em geral num vocabulário destituído de regras gramaticais, com significativa sabedoria, se apresenta como uma forma de transmitir, entre outros temas, também a Palavra de Deus. Tomando um cordel como exemplo, constatamos, não apenas a narração de passagens da Sagrada Escritura nesta literatura, mas uma catequese simples e acessível a letrados e não letrados, no qual a autora revela a presença de uma Sabedoria Prática em conexão com textos bíblicos. Inferimos,

* Pós-doutorado em Famílias, Logoterapia e Análise existencial (UNICAP); Doutor (2001) e Mestre (1997) em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma. Licenciado em Psicologia e Formação de Psicólogo pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE) (1990). Licenciado em Filosofia (1970) e em Teologia (1973) pela Universidade Católica do Salvador. Especialização em Psicologia Cognitiva (UFPE). Especialização em Metodologia do Ensino Superior (UNICAP) e Psicologia da Religião (UPS).

** Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco e Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, 2017. Pós-graduada em Aconselhamento e Psicologia Pastoral pela Universidade Cândido Mendes, 2014.



assim, que esta é uma literatura de grande relevância pela aproximação com pessoas simples, de religiosidade muitas vezes primitiva, mas possuidoras de forte espiritualidade.

Palavras chave: Religiosidade; Dom; *Phronesis*.

ABSTRACT

The phronesis from northeastern poets, that is possible to find in some productions of Cordel Literature, is now at television media. It had been come from Iberian peninsula, but in Northeast brazilian has survived. By the historical scientific method, this article aims to find in Cordel Literature a different style of application the Practical Wisdom which has been in humanity from long time ago. Some christian people, by the divine gift, reach the attention of a great number of people who are delighted with their poems sometimes narrated, sometimes sung in small towns. Such style, generally in special language without grammatical rules transmit also, among other themes, the Word of God. Taking just one cordel as an example, we can see not only the narratives from Sacred Scripture in this literature, but also an accessible catechesis for simple people who has primitive religiosity but strong spirituality. The author reveals to have Practical Wisdom in connection with biblical texts. We infer that it is a kind of literature of great relevance for the approach with simple people.

Keywords: Religiosity; Gift; Phronesis.

1 INTRODUÇÃO

A Bíblia, literatura Sagrada de origem judaico-cristã, desde tempos imemoriais tem sido fonte de ensinamentos que, em diversas culturas, alimentou e conduziu povos iluminando inteligências, fortalecendo vontades, estimulando ações pelo bem da humanidade. Toda narrativa nela encontrada, como inspirada por Deus, basicamente, objetiva conduzir o homem ao seu criador no processo de conhecendo-O, acolher seus desígnios. Podemos dizer que este é o entendimento da hermenêutica bíblica, na configuração de uma Teologia aplicada nas diversas denominações do cristianismo.

A Teologia, como estudo da palavra divina, subdivide-se em Fundamental ao ocupar-se dos ensinamentos da Bíblia como um todo, ou seja, na totalidade da Verdade nela contida; Sistemática por ocupar-se na promoção da unidade do ensino das Escrituras; e Prática que reflete e analisa a ação da Igreja. Fazer a hermenêutica bíblica, em sentido amplo, significa procurar o conhecimento da Verdade em busca da Sabedoria divina.

A sabedoria divina, entretanto, não está ao alcance do ser humano. Como limitadas criaturas, a carência de sabedoria nos atinge em poucos níveis de compreensão, determinação e efetiva ação. A *phronesis*, que envolve dimensões diversas no ser humano, precisa ser bem entendida para que, pela sabedoria divina na vida das pessoas, a sabedoria prática continue presente nas culturas, como ocorre desde sempre.

2 SABEDORIA DIVINA/SAGRADA

Seja no Antigo ou no Novo Testamento, a sabedoria divina está presente no todo do seu conteúdo, ainda que se expresse mais claramente em alguns documentos. Destaca-se, mais precisamente, em alguns livros canônicos do A.T., a exemplo: os livros de Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, alguns Salmos, Lamentações e Jonas; do N. T., as parábolas e provérbios de Jesus, epístola de Tiago. Em livros extra canônicos, temos o de Tobias, Eclesiástico, Sabedoria e IV Macabeus.

Neles, conselhos (Prov 3, 5-6), indicações (Sl 34,17), orientações (Tiago 1,5), exemplos (Jó 2, 9-10), são propostos para um novo modo de viver, uma nova forma de encarnar a fé que deve acompanhar cada momento das experiências de vida. Captar a essência desses ensinamentos, entretanto, não se restringe ao entendimento cognitivo, embora este seja o primeiro estágio do processo. Neste particular, entra em cena a necessidade da hermenêutica da Teologia Prática.

A Teologia, seja ela Fundamental, Sistemática ou Prática, em vista da Sabedoria divina, tem sua hermenêutica a cargo de especialistas em literatura sagrada e segue um percurso próprio, sempre em conexão com a hierarquia da Igreja à qual o teólogo está inserido. Aplicada à compreensão dos textos bíblicos, tem por princípio deixar claro que a Sabedoria de Deus se evidencia e atua no dia a dia dos fiéis (Prov 2, 6-9). O contexto das lutas, das alegrias e esperanças, das tristezas e inquietudes, das experiências adquiridas, firma convicções humanas. Em consequência, cria-se uma espiritualidade a qual transporta-o e transcende-o.

É compreensível o fundamento da Sabedoria divina como temor a Deus (Sl 111,10) traduzido no respeito a Ele e aos Seus mandamentos. Diante das tentações, o saber

divino é guia no enfrentamento das dificuldades bem como nas decisões a serem tomadas.

De origem grega (“sophia”), a sabedoria que o homem alcança não permite penetrar na profundidade dos juízos e projetos de Deus para a sua vida. Conforme diz São Paulo (Rom 11,33), a sabedoria divina comporta o conhecimento de todo o mundo físico e também o espiritual: “Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos”. Assim, o papel da hermenêutica sagrada é contribuir para um adequado entendimento cognitivo dos conceitos fundamentais do saber divino para, através de uma espiritualidade específica, encaminhar o fiel à excelência das escolhas.

A assimilação dos conceitos fundamentais dessa Sabedoria, quando presente numa coletividade, cria formas diversas de expressar o assimilado com características culturais de uma realidade temporal e circunstancial. Nessa ordem, a riqueza de estilos é incontável, e não se limita a graus de formação acadêmica, propiciando uma sabedoria prática.

3 SABEDORIA PRÁTICA

Aristóteles faz uma distinção entre razão teórica e razão prática na qual o *ethos* se coloca como campo de atuação. É neste campo que age a prática. Em outras palavras, digamos que, a partir de um conhecimento intelectual, escolhas são feitas, no contexto das necessidades humanas, condicionadas por virtudes éticas. A este processo chamamos de *phronesis* ou sabedoria prática.

Estando relacionada ao mundo das coisas humanas, a sabedoria prática foi apresentada por Aristóteles como

a disposição da mente que se ocupa com as coisas justas, nobres e boas para o homem, mas essas são as coisas cuja prática é característica de um homem bom, e não nos tornamos mais capazes de agir pelo fato de conhecê-las se as virtudes são disposições de caráter, do mesmo modo que não somos mais capazes de agir pelo fato de conhecer as coisas sãs e saudáveis não no sentido de produzirem a saúde, mas no de serem consequência dela (ARISTÓTELES, 1991, p. 138).

A sabedoria prática, ou *phronesis*, funciona como um raciocínio, uma reflexão sobre específicas situações humanas direcionando-a para uma efetiva escolha atitudinal. Pela característica da escolha de um desejo consciente, o homem é conduzido a uma decisão para culminar numa ação nobre. Nesta perspectiva, inteligência, imaginação, desejo deliberação e ação configuram a obra da *phronesis*, traduzida por prudência. No entender de Aristóteles é a virtude da sabedoria prática a qual atua no decidir sobre os meios adequados para alcançar o consideravelmente vantajoso. A prudência não se detém no julgar, mas no decidir e, dessa forma, torna-se o princípio da decisão¹.

A experiência tem papel relevante na aplicação da sabedoria prática como virtude intelectual. Agregada à virtude moral, fruto do esforço pessoal, do hábito adquirido, faz irromper uma experiência permitindo distinguir diferenças e semelhanças num contexto observado em determinado momento (ARISTÓTELES, 1991, p. 29). Torna-se possível alcançar a noção de que o tempo considerado ideal para a *phronesis* é o *Kairos* dos antigos, ou seja, é a ocasião apropriada para a efetivação de uma ação deliberada².

O livro dos Provérbios, diz que “o homem se farta com o fruto da sua boca, cada qual recebe a recompensa da obra de suas mãos” (Prov 12,14); “o justo detesta a mentira, o ímpio age vergonhosa e ignominiosamente” (Prov 13,5). Também noutras passagens, os sábios do A.T. indicam a correlação entre ação e seu efeito. Apesar da visão dualista da época, mensagens de sabedoria tais como as acima citadas e de modo especial Provérbios (2, 1-15), apontam para uma intrínseca relação entre uma ação materializada e um comportamento espiritualizado. Autores do N.T. encontram em Jesus a personificação da sabedoria. Não fazendo parte do grupo dos escribas, foi considerado o maior dos sábios pela forma de transmitir seus ensinamentos. Participando da vida do povo e fazendo amigos, utilizando-se de parábolas, comparações, analogias, fazia chegar a um público diversificado o conhecimento das verdades divinas, pela consciência de que esse “Bem” precisava ser realizado. Toda a vida de Jesus foi conduzida pela Sabedoria Prática também chamada de “*phronesis*”. Em seu mais perfeito significado, *phronesis* não é um mero sentimento

1 Ética a Nicômacos, VI, 2, 1139 b; VI, 5, 1140 b; VI, 7, 1141 b.

2 Cf. Ética a Nicômaco 1096 a 26, e o comentário em PUENTE, Os Sentidos do Tempo em Aristóteles, p. 319.

de querer algo que é bom nem uma mera boa ação realizada. É uma atitude acompanhada de compreensão – “tendo consciência de que isto é um bem, quero-o e realizo-o”. Apenas pela graça divina o ser humano é capaz de aproximar-se da Sabedoria Prática.

3.1 SABEDORIA PRÁTICA HOJE

Como em tempos passados, a sabedoria prática, embora com sintomas de carência, por esta ser inerente ao ser humano, continua presente na humanidade com as especificidades culturais de cada povo.

A cultura popular é saldo da sabedoria oral na cultura coletiva. Difícil fixar as distinções específicas porque ambas exigem a retenção memorial, atendem a experiência, tem bases universais e há um instinto de conservação para manter o patrimônio sem modificações sensíveis, uma vez assimilado (CASCUDO, 1973, p. 426).

Num recorte cultural, não nos deteremos nas diversas formas apresentadas. Bastaria determo-nos nas exteriorizações dos relacionamentos, e teríamos infinitas exemplificações a ponderar. Com o advento da tecnologia das redes sociais, o crescimento do envio de mensagens indicativas de sabedoria aflora significativamente. Através de frases, em *designs* muitas vezes bem elaborados, transmitem-se força, coragem, fé, esperança, além de conceitos cristãos sobre fraternidade, doação, amor enfim. O ser humano sempre encontra uma forma de expressar emoções e, com criatividade até mesmo popular, faz transbordar o que não cabe em si: precisa transmitir, partilhar valores assimilados. De certa forma, tem-se, assim, a *phronesis* configurando a existência de uma sabedoria prática. Outros exemplos poderiam enriquecer esta descrição como as conhecidas frases de caminhões, nas quais caminhoneiros revelam entregarem-se a Deus, face aos perigos a que estão expostos pela profissão.

Daremos atenção à sabedoria prática que encontramos em personagens que se apropriam das capacidades poéticas, neles inatas, para imprimir valores sagrados assimilados e socializados por meio de expressões artísticas.

3.2 SABEDORIA PRÁTICA NA LITERATURA DE CORDEL

Da península ibérica chegou ao Brasil a literatura de cordel que, na região Nordeste se fortaleceu adquirindo status de patrimônio cultural imaterial. Popularizada em Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Bahia e Rio Grande do Norte, o cordel enriquece, sobremaneira, o folclore da região com seu imaginário abrangente transitando da política a fatos históricos, de personagens peculiares a realidades sociais, do profano ao religioso.

Como gênero literário sempre formulado em versos e obedecendo a uma métrica própria, o cordel atrai leitores que se empolgam com a criatividade dos cordelistas interessados em apresentar sua arte numa linguística popular e regional ora com um toque de humor para divertir as pessoas, mesmo o tema sendo trágico, ora com veneração, quando tratam de religiosidade ou da espiritualidade vivenciada.

Embora a maioria dos autores sejam pessoas comuns, do povo, alguns ilustres e renomados da literatura brasileira encontram valores nessas produções e se inserem neste contexto popular. Ariano Suassuna, por exemplo, ao criar, na década de 1970, o Movimento Armorial contribuiu para mostrar a relevância da literatura de cordel tipicamente nordestina.

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos “folhetos” do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a música de viola, rabeça ou pífano que acompanha seus “cantares”, e com a xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das artes e espetáculos populares com esse mesmo romanceiro relacionados. (SUASSUNA, 1974, p. 9).

As produções em cordel se apresentam em folhetos cujas capas são ilustradas com xilogravura. Geralmente impressos em papel rústico, dimensões aproximadas de 11cm x 16cm, e número de páginas múltiplas de 4. Por serem, esses folhetos, pendurados em fios ou cordas expostos à venda em feiras livres nas povoações interioranas, ficaram conhecidos e alcunhados por cordel.

Apesar de englobar uma larga diversidade temática, com frequência encontramos cordéis religiosos versando sobre a importância do santo padroeiro, dos anjos, de Maria Santíssima e outros aspectos da devoção católica. Na literatura de cordel, a sensibilidade contemplativa do imaginário popular e o influxo da religiosidade são fatores frequentemente explorados e aplicados fazendo chegar, também, aos leitores,

a mensagem salvífica contida nas Sagradas Escrituras. Como afirma o cordelista Sousa,

eles [os cordéis] expressam a fé trinitária do Autor. É isto o que faz o Cordel uma catequese de anúncio e não uma prova científica da fé. O que interessa é divulgar a trinitária. (SOUSA, 1982, p. 64).

Temos, então, a literatura popular, trazendo em si características de um povo que conserva uma prática religiosa devocionária.

O autor cordelista, por sua inteligência cognitiva, capta o sentido da mensagem religiosa, reflete o conteúdo e o internaliza. Após o acolhimento da mensagem, desenvolve uma relação de intimidade ao gerar a intenção de difundi-la. Deseja partilha-la. A decisão se traduz na composição de rimas estruturadas em quadras, sextilhas ou outro formato, cujo fruto é o cordel. Não tendo dispensado a prudência, tem-se a *phronesis*, ao que chamamos de sabedoria prática, na cultura popular.

4 CORDEL - O PECADO ORIGINAL

Dentre a imensa quantidade de cordéis, disponíveis na internet, interessou-nos um de autoria de Neusa Santana, para ilustrar nosso estudo.

Neste cordel, *O pecado original*, a cordelista intertextualiza a passagem bíblica sobre o pecado original, como sabedoria popular, presente ao longo das estrofes. O tema explorado encontra-se em Gen 3, 1-22 da Escritura Sagrada cristã. Num viés religioso de conotação catequética, narra a origem do mal na humanidade quando o ser criado é tentado a igualar-se ao seu criador.

Do barro da terra/ O homem Deus formou/ Soprou-lhe nas narinas
E a vida lhe inspirou/ Com este simples gesto/ Vivente ele se tornou.

No belo jardim Éden/ Num lugar bem situado/Do lado do oriente/ Que
Ele havia plantado/ Colocou o bicho homem/ Que Ele tinha criado.

O cordel tem início com a primeira estrofe relatando de qual matéria foi o homem formado e como o simples gesto do sopro divino lhe inspirou vida diferenciada das atribuídas aos demais bichos criados.

No verso consecutivo retrata a beleza do lugar preparado para acolhê-lo, mas num dos versos, referindo-se ao homem como “bicho”, percebe-se a intenção de lembrar a distância entre Deus e o ser humano. Nesta referência, a cordelista enseja um preceito ao destacar a preponderância do Temor de Deus; pois, segundo o ensinamento cristão, a essência do pecado original está na petulância do homem ao querer igualar-se a Deus (Gen 3, 22)

Ali no Éden havia/ Todo tipo de planta/ Árvores frutíferas/ Floresta que encanta/
Alimento pra valer/ Café almoço e janta.

Havia no entanto/ Bem no centro do jardim/ A árvore da vida/ Foi Deus que quis assim/
A da ciência do bem/ E a do mal ali pertin.

Na sequência, tem-se a descrição e o significado daquele paraíso no qual tudo estava ao dispor do homem além do poder de tudo cuidar sem esforço, pois “alimento pra valer/ café almoço e janta” indica fartura em tempo perene. Lendo ou ouvindo a expressão “bem pertin”, característica da variante regional, vem à memória a dificuldade para vencer as tentações entre escolher o bem e não o mal, ambos próximos do nosso alcance.

Deus mandou o homem/ Naquele jardim morar
Pra de tudo tomar conta/ Pra guardar e cultivar/ Deu-lhe porém preceitos/
Que ele tinha que guardar.

Pode comer de tudo/ Na hora que entender/ Mas da fruta da ciência/
Do bem e do mal nem ver/ Por que será o seu fim/ No dia que dele comer.

Entretanto, como um ser criado, limites são intrínsecos e devem ser respeitados. Apesar da parceria de Deus com o homem, frisada no “pra de tudo tomar conta / pra guardar e cultivar”; apesar do direito de tudo desfrutar, expresso no “pode comer de tudo / na hora que entender”; conhecer a ciência do bem e do mal ao homem foi dito “nem ver”. Esse peculiar vocábulo nordestino impõe total proibição e indica punição, se violada.

A serpente bicho mau/ Quis depressa destruir/ A harmonia e a amizade/
Que estava a existir/ Inventou a mentira/ Afastou-se e pôs-se a rir.

Ela havia perguntado/ A mulher pra intrigar/ É verdade que vocês/
Apesar de aqui morar/ Dos frutos deste jardim/ Não podem se
alimentar?

Ele disse a mulher/ Que comesse pra valer/ Do fruto da ciência/ Sem
medo de falecer/ Que igualzinhos a Deus/ Os dois iriam ser.

Eva muito curiosa/ Do fruto experimentou/ Achando saboroso/ Ao
homem apresentou/ Dizendo ser gostoso/ E Adão na onda entrou.

Depois de comer o fruto/ Os olhos se abriram/ Notaram que estavam
nus/ E de folhas se cobriram /Sabendo o que tinham feito/ Depressa
escapuliram.

Ouvindo Deus caminhar/ Vindo em sua direção/ Tentaram se esconder
Pra não dar explicação/ Fugir pra não conversar/ Seria boa solução.

Ouvindo Deus chamar/ De uma moita oculta/ Dizendo que estavam
nus / Adão deu a desculpa/ Não querendo assumir/ Aquela grande
culpa.

À pergunta de Deus/ Adão logo respondeu/ Eu não fiz nada de mal/
Foi a mulher que me deu/ Comeu o fruto e depois/ Ainda me ofereceu

Eva logo argumentou/ Tentando se defender/ A culpa é da serpente/
Que aqui veio me convencer/ Que o fruto era gostoso/ E também dava
poder.

À serpente astuta/ Deus deu triste sina/ De se tornar maldita/ Por isso
ela ensina/ Toda espécie de mal/ A toda e qualquer menina.

A cordelista segue narrando acerca da tentação, do pecado e da reação própria dos
que agem sem responsabilidade: “Fugir pra não conversar” – “Foi a mulher que me
deu” – “A culpa é da serpente”.

Conscientes da falta cometida, aqueles que não refletem adequadamente sobre suas
ações, antevendo o castigo pré anunciado, recusam-se a assumir seus atos com o
agravo de transferir a outrem suas culpas.

Deus pôs o ódio/ Entre serpente e mulher/ Entre os descendentes
Até quando Ele vier/ No dia de juízo/ Acredite se quiser.

Como castigo dado/ Sobre o ventre caminha/ Arratando-se no chão/ A
serpente coitadinha/ Comendo sempre o pó/ E em tocaia se aninha.

Como castigo dado/ Sobre o ventre caminha/ Arratando-se no chão/ A
serpente coitadinha/ Comendo sempre o pó/ E em tocaia se aninha.

Deus disse à mulher/ Parirás sentindo dor/ É este teu castigo/ Por
causa do desamor/ Que demonstraste por mim/ Não tiveste nem
temor.

Ao homem ele falou/ Do trabalho de plantar/ Para colher os frutos/ Pra
família alimentar/ Nada mais ele teria/ Se não fosse trabalhar.

Do suor do seu rosto/ O homem retirará/ O pão para os filhos/ Que
com Eva gerará/ Jamais terá comida/ Plantará produzirá.

Expulsos do Paraíso/ Perderam a confiança/ Do Deus Pai Criador/
Quando rompeu a aliança/ Desprezaram o amor/ E a vida de bonança.

A causa do pecado/ Foi a desobediência/ Não há nenhuma versão/
Nem mesmo na ciência/ Que venha desaprovar /A da experiência.

Percebe-se, nestas estrofes, o propósito da autora em admoestar o leitor, concedendo-lhe o direito de não acreditar quando diz “acredite se quiser”. A imposição do castigo a cada um dos personagens mostra o poder de Deus. Entretanto, quando diz em seu poema que “Deus pôs o ódio entre a serpente e a mulher”, transfere ao criador parcela da índole humana, não condizente com os atributos divinos.

Na sequência, ela afirma: “Não há nenhuma versão nem mesmo na ciência que venha desaprovar a da experiência”. Nessa passagem, a cordelista, tendo ou não conhecimento da filosofia aristotélica, confirma o que nos fala o filósofo. A experiência, com indício de virtude intelectual e moral, tem supremacia sobre a ciência quando determinante nas causas do espírito.

O homem deve tirar/ Desta história a lição/ De viver conforme a lei/ Do
Deus da criação/ A lei humana é falha/ E traz muita confusão.

Desde o rompimento/ O Pecado Original/ Está na vida presente/ E já
causou muito mal/ Até mesmo já gerou/ O pecado social.

“O pecado original gerou o pecado social”. Num simples estilo de argumentação, faz uma catequese social alertando para a responsabilidade inerente a cada ser humano em vista da fraternidade, da tolerância, da harmonia, do bem comum, da paz, enfim.

Deus está a cochilar/ Mas não dorme não senhor/ Diz o ditado popular/
Logo escute por favor/ Não faça nada errado/ Pois Ele é o Salvador.

Da culpa original/ Ele já nos libertou/ Vivamos obedecendo.

Ao Evangelho que deixou/ Assim teremos o céu/ Pois Jesus já nos
salvou.

Vivamos nossa vida/ Com amor e união/ Com solidariedade/
Respeitando nosso irmão/ Evitando o pecado/ Que trouxe a desunião.

As três últimas sextilhas sintetizam a catequese presente neste cordel que reflete claramente a preservação da Sabedoria Prática no tempo que se chama hoje.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos ensinamentos de Jesus, há quem entenda que a religião, por si só, não é o que mais importa, pois nem sempre significa garantia de estar em concordância com os preceitos divinos. Importa, sim, a prática amorosa e filial consoante aos ensinamentos da Sagrada Escritura. A exemplo, tomamos a própria religião conduzida pelos Doutores da Lei no tempo de Jesus, em Jerusalém. Considerado grande Mestre, foi, inclusive, contrário a muitas das ações praticadas por alguns líderes religiosos. Deixou-nos como herança uma nova visão de vida que, relatado pelos seus seguidores, hoje faz parte das Escrituras Sagradas e, como mensagem inspirada, serve de fundamento para criar e manter proximidade com o divino.

Essa nova visão, incorporada nas comunidades cristãs vem, através dos tempos, descobrindo formas novas de transmitir a Palavra de Deus, numa catequese simples, mas de significativa sabedoria.

Dentre tantas, a literatura de cordel tem um papel de grande relevância por sua peculiaridade de aproximação com pessoas simples, com religiosidade muitas vezes primitiva, mas possuidoras de forte espiritualidade.

A forma concisa e harmoniosa de expressar verdades divinas, assumindo um vocabulário próprio, permite o entendimento a letrados e não letrados. Desnecessário se torna, comprovar a sabedoria prática dos cordelistas cristãos que se utilizam do dom concedido por Deus em suas vidas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco, Poética/Aristóteles*: seleção de textos de José Américo Motta Pessanha – 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (os Pensadores: v. 2).

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais hebraico, aramaico e grego dos Monges Beneditinos de Maredson (Bélgica). ed. 6, São Paulo: Ed. Ave Maria, 1965.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Civilização e Cultura*. Volume II. Rio de Janeiro/1973. Livraria José Olympio Editora.

DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE, Ed. Paulinas, 1989.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus – aproximação histórica*, tradução de Gentil Avelino Tilton, ed. 7, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Manoel Matusalém. *Cordel, fé e viola*. Petrópolis: Vozes, 1982.

SUASSUNA, Ariano. *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue Vai e Volta*. ed. 6, Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.